

O Rosário: partilhar a vida com Maria

Da Carta-Circular de setembro 1967 de Madre Ângela Vespa

Acolho como dirigida pessoalmente a mim uma exortação do Santo Padre Paulo VI: "Não deixeis de inculcar com todo o cuidado a prática do santo Rosário, a oração tão querida à Virgem e tão recomendada pelos Sumos Pontífices, através da qual os fiéis são capazes de cumprir, de forma mais suave e eficaz, a ordem do divino Mestre: "Pedi e ser-vos-á dado; procurai e encontrareis, batei e ser-vos-á aberto" (Encíclica *Mense Maio*).

Irmãs, respondamos generosamente como o nosso santo Fundador. Ele amava a oração do Santo Rosário; os seus rapazes, seguindo o seu exemplo, também o recitavam, até mesmo pelo caminho, indo para o trabalho: podemos descobri-lo através da inclinação rítmica da cabeça ao "Gloria Patri". Dom Bosco considerava o Rosário como uma devoção necessária para preservar a pureza do corpo e da alma e conservar a graça, dom do Espírito Santo, luz e guia para amar a Deus e temer a ofensa. O Santo Rosário não só nos une a Deus, sempre presente em nós, mas eleva-nos à contemplação, oração viva que nos faz amar a sua glória.

Eis, pois, irmãs, o que é o rosário para nós: uma oração que dá o alento da calma e a cria lentamente; uma paragem filial em contemplação com Maria. Nessa paragem, a alma torna-se ativa no amor de Jesus que salva, adora, sofre, expia; quer partilhar a vida com Maria, procurar como ela, durante o dia de colaboração, por vezes cansativo, sempre e somente o que for do agrado de Deus. E, assim, lentamente no trabalho interior, as forças retomam vigor, os desejos de Jesus entram na nossa vida, tornamo-nos suas verdadeiras esposas, verdadeiras filhas de Maria.

O Rosário é uma oração distensiva, rica de atividade e de paz. Sei tornar viva a oração, transformar em contemplação o Rosário, ou partilho da opinião daqueles que não a apreciam, por lhes parecer uma repetição mecânica e monótona de fórmulas? Às vezes é fácil ceder à pressa, ao dinamismo, mesmo na oração. Muitos dizem: "Porquê repetir tantas vezes a mesma oração? Não basta dizê-la apenas uma vez? Jesus também o diz: "Não orem com muitas palavras como os pagãos" (Mt 6, 5). Se a oração for vazia de amor, então sim, a repetição é aborrecida, torna-se como um disco sem alma. Mas, quando o amor e a dor lutam e oferecem, quando a fé brilha, já não é repetição: o amor e a dor não se repetem, são sempre novos; a cada instante, a mesma palavra dita com amor, adquire uma intensidade, uma nuance, um sentimento próprio. Deus é infinito nos seus atributos, na sua perfeição; o seu mistério de amor não tem fronteiras. Quando uma alma O contempla, perde-se na sua beleza, entretém-se piedosamente na sua presença e satisfaz a necessidade da sua filialidade; a palavra repetida torna-se, então, como o leito do rio no qual flui a própria oração.

Para refletir e rezar:

- Que lugar tem, no meu dia, a oração do Terço do Rosário?
- Preocupo-me em incentivar a esta oração as pessoas que encontro no meu apostolado?
- Exercício espiritual: antes de iniciar o Terço, peço ao Espírito Santo a graça de "abrir" os meus sentidos espirituais, para poder saborear e ver no meu coração as alegrias e as dores de Maria... Adquiro o hábito de exercitar um olhar contemplativo para o próximo, capaz de reconhecer e partilhar as alegrias e as dores daqueles que encontro ao longo do meu dia.

Maria Auxiliadora, ajuda-me a viver os mistérios do Rosário, a deixar-me conquistar pelo amor de Deus, a viver só por Ele e pelo seu Reino agora e sempre. Amen.